

A adesão à CEE (1986)

Em 1 de janeiro de 1986, Portugal (conjuntamente com Espanha) entrava oficialmente na Comunidade Económica Europeia (CEE). A oficialização representava o fim de um longo processo e de vários anseios, por parte dos Governos até então, para que Portugal se juntasse ao grupo dos países desenvolvidos.

Contudo, apesar destes anseios e esperanças, o processo foi bastante moroso, particularmente complexo e, mesmo após a adesão, nem sempre foi certo que todas as esperanças se materializariam tal e qual como foram apresentadas.

O processo pode ser dividido em três grandes momentos. O pedido de adesão entregue pelo embaixador português António de Siqueira Freire, em 28 de março de 1977, que, nas palavras de José Medeiros Ferreira, representava o «desejo de entrar no clube das democracias políticas» (CUNHA, 2006: 76). Tendo o pedido sido aceite em 6 de junho de 1978 pelo Conselho Europeu, as negociações contaram «com mudanças diversas de intervenientes, de ritmo, de concretização» (*Ibidem*: 16).

Chegou-se, finalmente, à conclusão do processo, com a assinatura do Ato de Adesão, em 12 de junho de 1985, numa cerimónia realizada no Mosteiro dos Jerónimos. Do lado português, o documento foi assinado por Mário Soares, Rui Machete, Jaime Gama e Ernâni Lopes.

Como refere *O Setubalense*, «Para o bem ou para o mal, aí estamos todos, portugueses, embarcados no barco da europa dos Doze. Chegou ao fim, deste modo, a longa e difícil caminhada que um dia permitimos que fosse iniciada» (BEIRÃO, 1985: 3).

No que à imprensa local diz respeito, o processo de adesão e a sua consumação variam entre a expectativa e um certo ceticismo. As dúvidas são notórias entre a população que, ora receava o contexto de crise vívido pela própria CEE e o papel de «amortecedor» que Portugal poderia desempenhar,

ora via com bons olhos a abertura ao exterior e as potencialidades tanto para o meio turístico como para as infraestruturas (F. G., 1985: 6).

Assim, 1986 revelou-se o ano da consumação das ambições europeias que, na verdade, já vinham a dar os primeiros passos nos últimos tempos do Estado Novo. No entanto, como temos vindo a constatar com mais intensidade nos últimos anos, a partir dessa data «a Europa passaria a constituir o maior e permanente desafio que o país teria de enfrentar» (CUNHA, *ibidem*: 193). **[JS]**

WEBSITE DA REVISTA SÁBADO



Mário Soares, acompanhado de Rui Machete, Jaime Gama e Ernâni Lopes, na cerimónia de adesão de Portugal à CEE



«Oxalá durem – e se multipliquem e produzam vontades e resultados – as manifestações de esperança, às vezes entusiástica, que ouvimos de várias bocas pelas ruas, tanto no dia da assinatura do tratado como depois. Pelo que podemos observar, parece que queremos acreditar que a adesão do nosso país à comunidade europeia pode constituir decisivo fator de progresso social e cultural que desejamos, que pode proporcionar o desenvolvimento e a prosperidade que nunca conhecemos (BEIRÃO, *ibidem*).